

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS  
COLEGIADO DO CURSO HISTÓRIA**

**DIEGO LUIZ DOS SANTOS**

**MEMÓRIA COMUNICATIVA E GERAÇÃO: ANÁLISE DAS MEMÓRIAS  
FAMILIARES NA COLÔNIA ENTRE RIOS (GUARAPUAVA – PR)**

**Marechal Cândido Rondon  
2014**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS  
COLEGIADO DO CURSO HISTÓRIA**

**DIEGO LUIZ DOS SANTOS**

**MEMÓRIA COMUNICATIVA E GERAÇÃO: ANÁLISE DAS MEMÓRIAS  
FAMILIARES NA COLÔNIA ENTRE RIOS (GUARAPUAVA – PR)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de História do Campus de Marechal  
Cândido Rondon da UNIOESTE, como requisito  
básico para obtenção do título de Licenciado em  
História.

Orientadora: Prof. Dra. Méri Frotscher

**Marechal Cândido Rondon  
2014**

“A vida não é o que se viveu, mas  
sim o que se lembra, e como se  
lembra para contar.”

*Viver para Contar* – Gabriel García Márquez

## **AGRADECIMENTOS**

Não posso deixar de lembrar aqui o nome de alguns indivíduos, cujas presenças foram fundamentais, direta ou indiretamente, para a realização desse trabalho.

Meus pais (Orlando e Janety) que em momento algum deixaram de me apoiar e ajudar.

A Rafael, Jean, Jéssica, Fernanda e demais amigos de Cascavel que estiveram sempre dispostos a compreender e ajudar no que fosse necessário.

A um grupo de amigos auto-intitulado “Virjes” (Raiane, Diogo, Elionay, Gabriel, Mariah, Pedro e Daiane) que tornou a graduação e a estadia neste município muito mais agradável e produtiva.

Agradeço aos historiadores que me serviram de espelho desde o início da graduação: Dra. Méri Frotscher e Dr. Marcos Stein.

A minha namorada Daniele Bet, que chegou de repente, pouco antes da conclusão desse curso para me manter calmo e em sanidade.

Enfim, são tantos amigos em tantos lugares [Roberto e Gustavo (Guaíra), Karen (Londrina), Giovani, Sil e Isabel (Cascavel)] que fica difícil colocar os nomes de todos em uma única página, porém, todos são responsáveis pela minha formação, não apenas como pessoa, mas como amigo, filho e professor.

## RESUMO

SANTOS, D. L. **Memória Comunicativa e Geração: Análise das Memórias Familiares da Colônia de Entre Rios (Guarapuava - PR)**. 2014. 44 p. Monografia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

Este trabalho é resultante do projeto de iniciação científica “Memórias sobre II Guerra Mundial na família: ‘memória comunicativa’ em entrevistas com três gerações em Entre Rios, Guarapuava – PR” que foi financiado com bolsa de Iniciação Científica pela Fundação Araucária. O foco da pesquisa foi investigar as histórias de vida dos descendentes de imigrantes alemães conhecidos como *Donauschwaben* (suábios do Danúbio), oriundos da ex-Iugoslávia, Romênia e Hungria, que ao final da II Guerra Mundial fugiram ou foram expulsos de seus territórios. Parte destes, após estadia em campos de refugiados na Áustria, foi deslocada para o Brasil, município de Guarapuava, no início da década de 1950. Esta investigação trata de histórias de vida produzidas em situação de entrevista com pessoas de duas ou três gerações de uma mesma família. No trabalho, será analisado o caso da imigrante suábia Úrsula B. que, pouco antes de morrer, deixou a seu neto Aureliano, um manuscrito no qual escrevera sua autobiografia. Com base nos pressupostos teóricos de Aleida e Jan Assmann e Harald Welzer sobre a “memória comunicativa”, será realizada a análise do documento autobiográfico e da história de vida de Aureliano, narrada em entrevista concedida pelo próprio. Dessa forma, busca-se compreender quais sentidos são atribuídos a estas narrativas sobre o passado e que (novos) significados a ele são dados.

**Palavras chave:** Autobiografia; Geração; História Oral

## SUMÁRIO

Introdução.....	09
Memórias Ressentidas: A narrativa autobiográfica de uma sobrevivente da Segunda Guerra Mundial.....	17
“Do pântano fizeram nascer a flor do Éden”: A Memória comunicativa em novas gerações de suábios do Danúbio.....	33
Considerações Finais.....	45
Referências Bibliográficas.....	46

## INTRODUÇÃO

*Conquistado – não pela espada,  
mas com o arado.  
Filhos da paz,  
Heróis do trabalho.<sup>1</sup>*

O poema acima faz parte da arte de um monumento em frente ao Centro Cultural Mathias Leh, na praça central da colônia Entre Rios (distrito de Guarapuava-PR), cujo objetivo é enaltecer o trabalho do grupo autodenominado “suábios do Danúbio”.

O objetivo do presente Trabalho de Conclusão de Curso é analisar histórias familiares do grupo em questão, a fim de compreender em que medida elas reproduzem ou se afastam do discurso público que os identifica. Além disso, pretende-se investigar de que forma as gerações são por este discurso de memória e que outros elementos, experiências individuais, questões do presente, elementos de fora da colônia onde vivem interferem na produção de outras memórias.

Esta pesquisa foi desenvolvida para o projeto de Iniciação Científica intitulado “Memórias sobre II Guerra Mundial na família: ‘memória comunicativa’ em entrevistas com três gerações em Entre Rios, Guarapuava – PR”, em vigor no período de agosto de 2013 à julho de 2014, sob orientação da professora Dra. Méri Frotscher, financiado com bolsa pela Fundação Araucária. É importante mencionar que tal pesquisa fez parte de um projeto maior denominado “Deslocamentos e (des)encontros: refugiados da Segunda Guerra Mundial e ‘brasileiros’ em Guarapuava – PR”, financiada pelo CNPq e pela Fundação Araucária/SETI. e executado pelos professores Dra. Méri Frotscher (Coordenadora - Unioeste), Dr. Marcos Nestor Stein (Colaborador - Unioeste) e Dra. Beatriz Anselmo Olinto (Colaboradora - Unicentro). O projeto teve como objetivo principal “Levantar e coletar material documental e produzir fontes orais referentes ao distrito de Entre Rios (Guarapuava) no período de 1951 a 2011. A partir de tais fontes, buscou-se produzir conhecimento sobre memória e geração dentro da colônia. Um dos

---

<sup>1</sup> Do original “Nicht mit dem Schwerte, mit dem Pflugschar erobert; Kinder des Friedens, Helden der Arbeit”. de Stephan Augsburgger.

objetivos específicos do projeto foi “Analisar a problemática da reconstrução do passado e do seu repasse para as outras gerações”<sup>2</sup>, o qual foi desenvolvido por meio do sub-projeto de iniciação científica, que possibilitou a redação deste TCC.

A fim de alcançar os objetivos pretendidos, os professores envolvidos no projeto produziram entrevistas de história de vida, tanto com membros da geração imigrante quanto com pessoas das outras gerações, algumas da mesma família. As entrevistas coletadas foram transcritas e algumas delas serviram como fonte para a realização deste trabalho. Entretanto, antes de falarmos sobre a análise de tais documentos, é importante traçar um panorama sobre a trajetória desse grupo.

Suábios do Danúbio (*Donauschwaben*) é a autodenominação adotada por um grupo de descendentes alemães que colonizou as regiões do Império Austro-Húngaro no século XVIII até meados do século XIX. Na Segunda Guerra Mundial muitos dos Suábios serviram nas tropas alemãs, integrando a divisão da *Waffen-SS Prinz Eugen*, criada em 1942 para combater os guerrilheiros comunistas chefiados por Josep Broz Tito<sup>3</sup>. Como represália, em meados de 1944, o governo instaurado de Tito privou os Suábios de seus direitos civis na Iugoslávia. (STEIN, 2011, p. 51).

De acordo com o cientista político e jornalista Fritjof Meyer (apud FROTSCHER et all., 2014, inédito), o grupo que permaneceu na região foi alvo de massacres, deportação, estupros, torturas seguidas de morte, etc. O autor afirma que entre o outono de 1944 e a primavera de 1945 mais de 9.500 suábios foram mortos. 8000 mulheres e 4000 homens foram deportados para campos de trabalho na URSS, dos quais um de cada seis morreu. Os demais 167.000 que permaneceram foram confinados em campos, onde muitos morreram de fome, frio e doenças. Parte deles conseguiu fugir para a Áustria onde permaneceu em campos de refugiados. O historiador Marcos Stein afirma que entre 1951 e 1954, por intermédio de várias organizações humanitárias internacionais e em especial a Ajuda Suíça à Europa (Schweizer Europahilfe), um órgão ligado à Igreja Católica, cerca de 2.500 suábios,

---

<sup>2</sup> FROTSCHER, Méri. Memória sobre a II Guerra Mundial na família: “memória comunicativa” em entrevistas com três gerações em Entre Rios, Guarapuava – PR. 2013. Projeto de iniciação científica enviado ao Programa de Iniciação Científica da UNIOESTE, o qual foi contemplado com uma bolsa da Fundação Araucária.

<sup>3</sup> Sobre os crimes de guerra nacional-socialistas e os suábios do Danúbio da região de Banat (Romênia) vide: CASAGRANDE, T. *Die Volksdeutschen SS-Division “Prinz Eugen”*. Die Banater Schwaben und die



imigraram para o Brasil, fixando-se no município de Guarapuava, Paraná. Ali fundaram, sob a coordenação da Cooperativa Agrária, a Colônia Entre Rios que abrange cinco vilas: Vitória, Cachoeira, Jordãozinho, Samambaia e Socorro (STEIN, 2011, p. 25).

Segundo o geógrafo Gerd Kohlhepp, a propriedade fundiária da colônia foi dividida com base no número de pessoas que podiam trabalhar nas respectivas famílias, dessa forma, “como resultado a extensão inicial das 323 empresas agropecuárias variava entre 19 e 60 ha e a área cultivável perfazia em média aproximadamente 27 ha” (KOHLHEPP, 1991, p. 114). Kohlhepp afirma ainda que a divisão partiu de um ponto idêntico para todos, não levando em conta a formação do relevo e a qualidade do solo, causando conflitos entre os colonos. Segundo o autor:

Tudo isto fez com que as condições iniciais das empresas fossem bastante diferentes e com que o grupo social dos colonos suábios do Danúbio apresentasse, desde o início, uma estrutura heterogênea. A existência de inúmeras empresas mostrou-se desde o início ameaçada, o que gerou insegurança e mobilidade. Isto por sua vez favoreceu a migração e possibilitou, mais tarde, uma consolidação mais rápida da situação econômica dos remanescentes (KOHLHEPP, 1991, p. 114).

A partir da segunda metade da década de 60 verifica-se a vinda de muitos de não-suábios para a colônia, os quais fornecem mão-de-obra para cooperativa e para as propriedades rurais dos suábios (FROTSCHER, 2013).

Gerd Kohlhepp tece suas considerações a respeito da chegada de novos moradores, principalmente luso-brasileiros, afirmando que:

Uma vez que não existem planos-diretores fixos para os povoados, também ocorreu o assentamento de mão-de-obra luso-brasileira em casebres de madeira na periferia dos povoados, no local em que antes ficavam as malhadas. Para evitar o perigo da formação de favelas a cooperativa ergueu, nos limites meridionais de Vitória, em frente ao bairro industrial, uma vila operária equipada com escola, igreja e centro social. Como o afluxo de população deve continuar, mesmo sem a criação de novos empregos, é de se esperar que ocorra um adensamento da área construída e um aumento do potencial de conflitos, que — devido às enormes disparidades sociais - poderá se transformar em um dos mais difíceis problemas a serem solucionados no futuro (KOHLHEPP, 1991, p. 137).

No artigo “Memórias de uma Diáspora: Relatos de Refugiados da Segunda Guerra Mundial”, o historiador Marcos Stein analisa a série “Um povo luta pelo seu futuro” (Ein Volk kämpft Um Seine Zukunft) que traz relatos sobre a vida de imigrantes suábios, moradores da colônia. Tais relatos foram extraídos de entrevistas produzidas nas décadas de 70 e 80 na colônia e publicadas no jornal de Entre Rios em 1994. Ao analisar a publicação, Stein afirma que:

A partir da segunda metade da década de 60, verifica-se o acentuado desenvolvimento econômico da colônia, o qual é atribuído à ascensão de Mathias Leh na direção da cooperativa da colônia – a Cooperativa Agrária Ltda. Além da reorganização da cooperativa, Leh encampou e apoiou projetos que visavam, a partir da produção de narrativas sobre a história da colônia e dos suábios, “reviver e manter” determinada identificação étnica do grupo: a de serem Suábios do Danúbio. Nesse sentido, Leh apoiou ações como a elaboração de dois livros sobre a colônia, a criação de um museu – Museu Histórico de Entre Rios – e a publicação do jornal de Entre Rios (STEIN, 2008, p. 49).

Ou seja, as memórias sobre os acontecimentos vividos ainda na Europa e nos primeiros tempos na colônia foram narradas e repassadas a seus filhos e netos não apenas através das conversas no interior da família, mas também por meio de uma série de mecanismos e suportes na qual muitas histórias individuais e familiares alcançaram a esfera pública, figurando em livros, publicações periódicas locais e nas exposições do museu.

Segundo Frotscher, Olinto e Stein, tais ações desenvolvidas pela cooperativa visaram rememorar o passado traumático vivido pelas famílias com o objetivo de construir uma memória coletiva para o grupo e, assim, afirmar sua coesão grupal. Segundo os autores, a luta por uma coesão grupal dependeria não apenas de ações no campo econômico e social, mas também da luta contra o esquecimento daquele passado. (FROTSCHER et al., 2014, inédito).

De acordo com os autores, grande parte dos Suábios que vive na colônia hoje faz parte de uma “cultura da memória”<sup>4</sup> construída a partir dos investimentos feitos em nível local e do diálogo com literatura e associações de refugiados da Segunda Guerra

---

<sup>4</sup> Para uma discussão sobre a noção de “cultura da memória” vide ASSMANN (2007), HUYSSSEN (2001); SARLO (2007) e, em relação à Segunda Guerra Mundial na Alemanha, Itália e Japão, CORNELIßEN; KLINKHAMMER; SCHWENTKER (2004).

Mundial existentes no mundo e que constituiu “espaços de rememoração transnacionais”. Sendo assim, este trabalho busca compreender até que ponto essa cultura existe na Colônia de Entre Rios e se faz presente nas diferentes formas em que cada geração interpreta o passado.

No entanto, é necessário levar em conta que a terceira geração (que compõe os netos daqueles que imigraram para a colônia) nasceu e cresceu em Entre Rios. Logo, pressupõe-se que esta viveu experiências muito distintas da primeira geração, já que conviveu muito mais com a sociedade brasileira e num momento em que a colônia já havia se solidificado, desfrutando do bem-estar conquistado no local após certo tempo. Partindo desse pressuposto, busca-se analisar as diferentes formas de percepção do passado dos Suábios por parte dos netos em relação a seus avós.

No que diz respeito ao conceito de Geração, este projeto tem por base a teoria de Karl Mannheim. Segundo Wivian Weller:

Mannheim chama a atenção para o fato de que o pertencimento a uma geração não pode ser deduzido imediatamente das estruturas biológicas: “O problema sociológico das gerações começa somente onde a relevância sociológica desses dados prévios forem realçadas”. A situação de classe e a situação geracional apresentam aspectos similares devido à posição específica ocupada pelos indivíduos no âmbito sócio-histórico. Mas essa posição gera uma modalidade específica do viver e do pensar, da forma como os membros interferem no processo histórico, ou seja: uma tendência inerente a cada posição e que só pode ser determinada a partir da própria posição (WELLER, 2010, p. 209).

Weller explica que “não basta nascer na mesma época para ser caracterizado em uma posição geracional comum, mas ter presenciado e vivenciado os mesmos acontecimentos e experiências” (WELLER, 2010, p. 212). Por isso, é necessário questionar como pensar as gerações dos suábios do Danúbio a partir das experiências (diferentes) que eles viveram e das diferentes formas de interpretar o passado vivido na Europa.

Uma das questões que direcionaram essa pesquisa diz respeito ao funcionamento da Memória Comunicativa. Segundo o psicólogo social Harald Welzer, estudioso do funcionamento da memória comunicativa sobre o nacional-socialismo em famílias alemãs, a consciência histórica se alimenta de diversas fontes, ou seja, as

ideias e as imagens que as pessoas fazem do passado são compostas de diversos fragmentos de fontes aleatórias como livros de história, filmes, experiências de membros da família e as próprias experiências individuais (WELZER, Apud FROTSCHER, 2013). O autor se baseia nas formulações de Jan Assmann sobre a “memória comunicativa”, uma espécie de memória de curta geração da sociedade, através da qual os indivíduos e grupos criam sua imagem do passado sempre a partir de um ponto fixo no presente (ASSMANN, Apud FROTSCHER, 2013). Welzer desenvolve o conceito de “memória comunicativa” para fundamentar a tese de como ideias e imagens do passado são compostas no cotidiano a partir de diferentes fontes, como conversas na família, escola, cinema, etc. Segundo Frotscher, as reflexões teóricas de Assmann nos apontam para a interdependência entre memória e sociedade, demonstrando que os significados atribuídos a informações não se constituem num processo meramente neuronal ou individual, mas através da comunicação. A partir deste viés, busca-se compreender em que medida estes aspectos são perceptíveis na consciência histórica da terceira geração familiar dos Suábios do Danúbio em Entre Rios.

Para isto, foi necessário dedicar-se à análise de algumas das entrevistas orais mencionadas acima, realizadas com alguns membros de famílias suábias, cuja primeira geração é formada por pessoas que, já adultas, participaram da fuga e da imigração para o Brasil e estiveram presentes na fundação da colônia e com pessoas da terceira geração, constituída por aqueles que já nasceram em Entre Rios.

É importante salientar que durante a produção das fontes orais, os professores responsáveis pelo projeto e pelas entrevistas se basearam no método proposto por Alexander Von Platto, na qual a entrevista se divide em três etapas. Na primeira, o entrevistado conta sua trajetória de vida, começando de onde quiser e arranjando a história do jeito que preferir. Mediante pedido, também são feitas perguntas, do contrário, o entrevistador permanece em silêncio. Isso permite ao entrevistado uma maior liberdade ao contar sua história, não sendo influenciado pelas perguntas do pesquisador. Na segunda fase são tiradas dúvidas e esclarecimentos que restaram na fase anterior. E por fim, são abordados os temas que, por um lado, foram pouco mencionados na história de vida, e, por outro lado, interessam de forma especial ao

historiador. É importante que tal método seja esclarecido antes ao entrevistado, para que este não se sinta inseguro (PLATO apud FROTSCHER, 2013).

No total, foram realizadas 24 entrevistas, sendo 04 feitas com netos de imigrantes. Além disso, durante a realização do projeto de iniciação científica, foi colocada à minha disposição, para análise, uma fonte que me chamou a atenção: Uma autobiografia escrita por uma suábica da geração imigrante. Devido a minha intimidade com a literatura, o documento acabou despertando o meu interesse, tornando-se uma das principais fontes para este trabalho de conclusão de curso, juntamente com uma entrevista de história de vida, realizada com um dos netos da autobiografada. Para a análise de tais fontes, tive acesso a diversas leituras sobre o estudo de autobiografias, tendo a oportunidade de participar de grupos de estudo sobre o tema e aprofundar várias das percepções observadas tanto na autobiografia, quanto na entrevista.

Nos encontros de orientação deste trabalho, foram indicadas algumas leituras para auxiliar a análise de entrevistas de história de vida e de narrativas autobiográficas e permitir aprofundar questões relativas ao estudo geracional e ao funcionamento da memória comunicativa. Para a análise de autobiografias, pude me basear nos textos “Arquivar a Própria Vida” do historiador Philippe Artières (ARTIÈRES, 1998) e “Literatura e Autobiografia: A questão do sujeito na narrativa” de Verena Alberti (ALBERTI, 1991) entre outros. No que diz respeito a análise de entrevistas orais, pude me basear nos textos “O que faz a História Oral Diferente” de Alessandro Portelli (PORTELLI, 1997) e Memórias de gênero: Reflexões sobre a história oral de mulheres” de Silvia Savatici (SAVATICI, 2005) entre outros textos.

O presente trabalho foi dividido em 2 capítulos. No primeiro, intitulado “Memórias Ressentidas: A narrativa autobiográfica de uma sobrevivente da Segunda Guerra Mundial”, será analisada a autobiografia de uma imigrante suábica (que chamaremos aqui pelo pseudônimo de Úrsula B.) que morou em Entre Rios e narrou sua vida em um manuscrito e o entregou a um de seus netos, pouco antes de morrer. O segundo, “Do pântano fizeram nascer a flor do Éden’: A Memória comunicativa em novas gerações de suábios do Danúbio” é composto pela análise da entrevista, realizada por meio do projeto “Desclocamentos e (des)encontros”, com um dos netos dos netos de Úrsula B., (ao neto usaremos o pseudônimo Aureliano B.) e detentor do manuscrito com a

biografia em questão. A decisão de usar pseudônimos foi tomada em virtude de manter em sigilo a identidade desses indivíduos, em decorrência de conflitos dos mesmos com a direção da cooperativa da colônia. Todos os pseudônimos utilizados nesse trabalho foram inspirados na obra literária “Cem Anos de Solidão” do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Tal análise teve o objetivo de compreender e identificar o funcionamento da memória comunicativa em ambas as narrativas, além de compreender de que modo a história de vida narrada pelo entrevistado se relaciona com a autobiografia de sua avó e com os discursos públicos disseminados em Entre Rios.

## MEMÓRIAS RESENTIDAS: A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA SOBREVIVENTE DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Neste capítulo, busca-se analisar a narrativa autobiográfica de Úrsula (1920-2005), que morou na Vila Jordãozinho, no distrito de Entre Rios, município de Guarapuava - PR e que, em 1996, aos 76 anos de idade, escreveu suas memórias contando sua história de vida em um pequeno caderno. O manuscrito original se encontra em poder de seu neto Aureliano B., a quem foi entregue, segundo ele, pela própria avó, pouco antes de seu falecimento.

A irmã de Aureliano teve acesso, anos após a morte da avó, a uma das cópias digitalizadas e se encarregou de traduzi-la do dialeto schwäbisch (suábio) para o alemão. Foi ela quem nos cedeu uma dessas cópias, que mais tarde foi traduzida do alemão para o português pela historiadora Dra. Méri Frotscher.

A narrativa autobiográfica intitulada “Minha trajetória de vida” possui 14 páginas digitadas. Nela, a autora conta sua trajetória desde sua infância até anos após a morte do esposo, já na colônia de Entre Rios.

Antes de passarmos à análise de sua narrativa, traremos alguns dados biográficos seus. Úrsula nasceu em 04 de julho de 1920, em Detroit, nos Estados Unidos. Era filha de um casal de descendentes de suábios do Danúbio que viviam na Iugoslávia. Pouco antes de Úrsula nascer, seus pais se mudaram para os Estados Unidos em busca de trabalho. Ainda criança, após a separação dos pais e a morte de uma irmã, a menina voltou com a mãe para o país de origem, a Iugoslávia. Em decorrência da morte da mãe, por tuberculose, aos 8 anos de idade Úrsula foi morar com a irmã mais velha e o cunhado o qual, segundo afirma em suas memórias, a tratava muito mal.

Casou-se aos 16 anos, com um filho de agricultores descendentes de suábios do Danúbio (a seu marido, usaremos o pseudônimo de José). O casal trabalhou como agricultores até que José teve de servir ao exército alemão na Segunda Guerra Mundial. Durante este período, enquanto o marido estava na guerra, Úrsula passou por um duro período de fuga rumo aos campos de refugiados na Áustria, juntamente com

seus filhos e sogros. Após o final da Segunda Guerra Mundial e 4 anos separados, Úrsula e José se reencontraram na Áustria e por volta de 1950 souberam da “Ajuda Suíça à Europa”, que oferecia a possibilidade de emigração para o Brasil, então se registraram e em 1951 chegaram a colônia de Entre Rios. Ali viveram todo o resto de suas vidas. José faleceu em 1974 e Úrsula muitos anos depois, em 2005.

Em sua narrativa autobiográfica, intitulada “Minha trajetória de Vida”, a autora conta sua vida antes da colônia, descrevendo pouquíssimos momentos de paz. Deve-se levar em conta de que não se trata do trabalho de uma escritora profissional, mas sim de uma mulher que veio de uma família de agricultores e, como afirma em sua autobiografia, suas mudanças de país a país levaram a concluir seus estudos com muita dificuldade. Esse fato reflete na simplicidade de sua escrita, como é possível perceber a seguir.

De qualquer modo, Úrsula foi capaz de montar uma narrativa coerente, com começo, meio e fim e citando altos e baixos. Além disso, alguns momentos, principalmente os mais traumáticos, são descritos com tamanha riqueza de detalhes, que se assemelham a cenas de um filme, como se pode notar no seguinte trecho quando narra um episódio da fuga:

Vieram duas enfermeiras, uma pegou a minha pequena mala com estofado para o bebê, roupas e fraldas, e a outra me ajudou a andar, pois eu não podia mais andar. Antes de eu me separar de meus filhos eu disse ao Adam, que ele olhasse por seus irmãos, pois ele era o mais velho. Ele tinha 7 anos e chorou, pois ele mesmo ainda era tão pequeno. Na metade do caminho até o vagão das enfermeiras o trem de repente começou a andar. A enfermeira pulou no vagão e levou minha mala com ela, elas me deixaram sozinha no caminho. Eu só tinha um sobretudo e minha bolsa de mão comigo. Eu pensei “o que eu vou fazer agora?” (Memórias de Úrsula, p. 07).

Esta forma de narrar os acontecimentos, como as cenas de um filme, pode ser associada às considerações do psicólogo social Harald Welzer, que afirma que em muitos casos, as produções midiáticas como filmes e livros acabam nos servindo como modelo de estrutura ao narrar algum fato. Segundo ele:

Para se poder vivenciar uma história familiar consistente e cheia de sentidos, produtos midiáticos servem como material de estofagem para



as lacunas nas narrativas, como luzes na neblina do passado narrado. Isso vale não somente para as gerações posteriores, mas também para as próprias testemunhas, cujas vivências e experiências são ofuscadas com as dos filmes e com imagens vistas por elas no pós-guerra. (WELZER, 2008. p. 04)

É importante observar que Úrsula estrutura a sua história dividindo-a em diferentes etapas: a infância e adolescência, até seu casamento; a fuga enquanto o esposo lutava na guerra, até o momento de seu retorno (que foi então o momento mais importante para a escrevente); a viagem e chegada ao Brasil, quando fundaram a colônia de Entre Rios, que representa uma espécie de conclusão. Quanto a essa estruturação, Welzer afirma que todos nós já temos essa capacidade de narrativa, que é absorvida dos livros, peças de teatro ou filmes aos quais temos acesso durante nossa vida:

Nós todos temos no processo de memory talk, prática comum da rememoração conversacional através da qual se aprende de todo livro lido e de todo filme visto que uma verdadeira história tem um começo, um meio e um fim, e que ela deve seguir determinados modelos básicos para ser comunicável. (WELZER, 2008. p. 02)

No documento, Úrsula dedica cerca de três páginas para falar de sua infância. Ela inicia a história de sua vida contando o contexto em que seus pais se conheceram e no qual ela nasceu:

Era depois da Primeira Guerra Mundial. Muitos homens se deslocaram para a América à procura de trabalho. Assim também fez o meu pai. Depois de um ano ele voltou para a Iugoslávia e queria começar a trabalhar com agricultura. Mas ele não teve sorte. Então ele casou com uma viúva em razão da guerra que tinha duas filhas. Ele mesmo também era viúvo, mas não tinha filhos com sua primeira esposa. O pai foi novamente para a América e a mãe foi depois com os filhos. No ano de 1920, no dia 04 de julho, eu nasci, em Detroit. (Memórias de Úrsula, p. 01)

Após este trecho, pouco foi citado sobre seu pai já que ele e a mãe não se entendiam e se separaram. Após falar sobre a separação, Úrsula dá certo destaque às dificuldades enfrentadas pela mãe, como no trecho a seguir: “Depois o meu pai vivia com uma outra mulher. Assim, a mãe tinha que cuidar de suas três filhas e foi então

trabalhar numa fábrica” (Memórias de Úrsula, p. 01). Em que pese as dificuldades, ela procura demonstrar como a mãe pôde sustentar as filhas praticamente sozinha:

A mãe tinha que economizar para quatro pessoas. Ela não dominava a língua, também não tinha dinheiro para ir de transporte para o trabalho, por isso ela sempre ia a pé. Assim ela frequentemente se molhava com a chuva e tinha que, apesar disso, trabalhar o dia inteiro molhada. Por isso, certa vez, ela se resfriou muito. Ela tossia muito, pensava que era passageiro, mas foi ficando cada vez pior.

Quando ela finalmente foi ao médico, já era tarde. Ela tinha tuberculose e naquela época ainda não tinha remédio para essa doença. (Memórias de Úrsula, p. 01)

Úrsula conta a história de sua mãe na primeira página, focando as privações, o abandono do marido e os sofrimentos enfrentados por ela, da mesma forma que ela, Úrsula, também viria a sofrer depois.

Após a morte de uma de suas irmãs, a família (a mãe, Úrsula e sua outra irmã, J.), voltaram para a Iugoslávia, onde a irmã se casou. Ainda na primeira página, a escrevente conta que, aos 8 anos de idade, perdera a mãe que falecera em decorrência da tuberculose. A partir deste momento, ela demonstra uma sensação de abandono, como na afirmação: “Quando ela (a mãe) morreu, J. casou com um sapateiro. Ele dizia que ela tinha um monte de dinheiro. Eu fiquei abandonada e perdida com os meus sete anos, nem oito ainda tinha, sozinha, sem pais” (Memórias de Úrsula, p. 02). Essa sensação de abandono perdurará pela maior parte da narrativa. Sobre isto, torna-se pertinente considerar a afirmação da psicóloga Maria Rita Kehl, que em seu livro sobre ressentimento, alega que “uma das condições centrais do ressentimento é que o sujeito estabeleça uma relação de dependência infantil com um outro, supostamente poderoso, a quem caberia protegê-lo, premiar seus esforços, reconhecer seu valor” (KEHL, 2004. p. 14). No caso de Úrsula, em sua infância, a figura que representa esta dependência talvez possa ser atribuída a sua irmã e seu cunhado, que segundo ela, além de pretender vender as 5 jeiras de terra que ela herdara de sua mãe, a tratava muito mal:

no meio tempo minha irmã tornou-se minha tutora e retirou o dinheiro e assim eu não tinha mais nada daquilo. Eu então fui empurrada de um lado para o outro pelo meu cunhado. Eu não podia comer à mesa, estava sempre sentada em alguma soleira de porta para comer, com o prato no colo e não devia também repetir

a comida, pois logo ele berrava: “Você não, Diabo!” (Memórias de Úrsula, p. 03).

É importante citar que, durante toda a narrativa, são diversas as pessoas com as quais Úrsula expressa uma “relação de dependência”, como citado acima. Em sua adolescência, Úrsula conhece José, sobrinho de sua patroa, a senhora L. A partir da terceira página da narrativa, é a esta patroa a quem Úrsula atribui a responsabilidade por suas maiores dificuldades, como na citação: “Como a senhora L. tinha em mira as minhas terras, não queria ficar comigo por muito tempo, principalmente porque eu era também a sua empregada” (Memórias de Úrsula, p. 04 ).

Úrsula e José se casaram em 1936, contra a vontade da senhora L. Naquele mesmo ano, José teve de servir o exército iugoslavo por 18 meses. Alguns anos depois, em 1942, José teve de servir o exército alemão na segunda Guerra Mundial. Como Úrsula conta, “Então começou a guerra dos Partisans<sup>5</sup> e José teve que, novamente, ir embora para o exército alemão”. Nesse momento, ela morava com os sogros.

Em praticamente toda a narrativa, ela narra momentos de sofrimento e rejeição, e em grande parte, esse sofrimento é sempre causado pelo outro, como observado abaixo:

Todo o trabalho devia ser feito por mim. Eu tinha uma vaca com bezerro, porcos, tudo era meu trabalho. Nenhuma pessoa me perguntava: “Você tem ração para o gado?” Bem cedo, quando as crianças ainda dormiam, eu tinha que ir para o estábulo tirar o esterco, alimentar o gado e ordenhar as vacas. Eu ainda tinha as crianças para cuidar e o trabalho doméstico. (Memórias de Úrsula, p. 5).

Sobre este trecho, é importante lembrar as considerações de Maria Rita Kehl ao afirmar que “ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar.” (KEHL, 2004. p. 11)

---

<sup>5</sup> Partisan é o título dado a uma tropa irregular formada para se opor a ocupação, dominação e controle estrangeiro a determinada área. O termo ficou conhecido durante a Segunda Guerra Mundial identificando os movimentos de resistência à dominação alemã. A tropa a qual Jacob integrava, combatia a resistência partisan iugoslava liderada pelo guerrilheiro comunista Josip Broz Tito. Sobre os crimes de guerra nacional-socialistas e os suábios do Danúbio da região de Banat (Romênia) vide: CASAGRANDE, T. *Die Volksdeutschen SS-Division “Prinz Eugen”*. Die Banater Schwaben und die National-Socialistischen

A partir da página seis, ela passa a narrar o momento de sua fuga, juntamente com os sogros e os filhos, enquanto o esposo estava na guerra. Durante toda a narrativa dessa fase de sua vida, a narrativa mais longa da autobiografia, ela destaca como protegeu e sustentou sua família, mesmo com o marido longe, assim como sua mãe já havia feito antes com ela e suas irmãs, mesmo sob difíceis condições. Isso pode ser identificado no momento em que Úrsula conta quando se dirigiram, durante a fuga, à Hungria onde se alojaram num galpão com outros refugiados. Neste trecho podemos perceber que a autora destaca as privações enfrentadas naquele momento por ser mulher e não ter o marido por perto:

Estava muito frio e onde havia homens, eles podiam escolher um lugar para ficar, mas eu com minhas três crianças e a avó de José, nós tínhamos que estar contentes que os homens logo nos deram nossa bagagem por meio do grande portão aberto. (Memórias de Úrsula, p. 6).

Para a análise deste trecho, podemos recorrer também ao texto “Memórias de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres” da historiadora Silvia Salvatici, que discute questões de gênero no contexto da Segunda Guerra Mundial, na Itália. A historiadora afirma que mesmo que o discurso público, após a guerra, tivesse exaltado homens que fossem considerados heróis do front, as mulheres também assumiram um caráter ativo durante a guerra, protegendo e cuidando de seus filhos. Foi o que ficou explícito para Salvatici ao entrevistar mulheres que vivenciaram a guerra nos Bálcãs. Ao analisar as entrevistas, a historiadora afirma que:

Recontando suas experiências, todavia, parecia que essas mulheres desejavam reavivar seus sofrimentos e projetá-los através de suas próprias lentes de subjetividade feminina. Assim refratadas, as memórias da guerra assumiram aspectos e significados que diferem daqueles propostos pelo discurso público. Nos relatos das mulheres, o *phatos* de esposas, mães e irmãs, geralmente retratado numa imagem de resistência feminina passiva e aparentemente confinada à esfera doméstica, adquire características de uma resistência ativa. (SALVATICI, 2005. p. 37.)

A observação de Salvatici pode ser também percebida em vários momentos da narrativa de Úrsula, como na seguinte citação:

Eu tinha que ir trabalhar todos os dias, para que o dinheiro fosse suficiente para comprar alimentos para cinco pessoas. Como era muito pouco o que se conseguia com os tickets [de racionamento], para as crianças, eu geralmente trocava os tickets para carne por tickets para pão. (Memórias de Úrsula, p. 11)

Ao analisar um caso no qual, durante a guerra, uma mulher cumpre o papel de protetora de seu irmão, Salvatici afirma que este “papel protetor desempenhado por essa irmã, indo em busca de alimento para o irmão, seu parceiro, levou os seus atos heróicos para fora da esfera familiar e privada, caracterizando-os como uma contribuição para a defesa da comunidade” (SALVATICI, 2005. p. 39). Essas considerações nos fazem refletir sobre o caso de Úrsula. No trecho citado acima, ela procura mostrar como, na ausência de José, pôde superar sozinha diversas dificuldades, mas sempre ressaltando o excesso de tarefas acumuladas. Ou seja, além de cuidar dos filhos e fazer o trabalho doméstico, ela teve de executar também as tarefas que socialmente, em momentos de paz, ela concebe que caberiam ao esposo.

Além disso, no texto “Minha trajetória de vida”, é possível observar que ela tenta construir uma imagem de alguém que se sacrifica pelos outros. Parte de seu sofrimento é atribuído a sacrifícios ou atitudes nas quais ela abre mão de seu bem estar para poder confortar outras pessoas. Como quando ela diz:

Eu só tinha duas cobertas e três pequenas almofadas para as crianças e assim eu deitei as crianças por sobre os sacos de palha, uma ao lado da outra, e a avó se cobriu com as duas cobertas, mas para mim não tinha lugar... Estava muito frio”. (Memórias de Úrsula, p. 5).

Neste trecho, percebe-se como, por meio de sua autobiografia, Úrsula afirma um papel de mãe protetora que cuida da família. Por meio da narrativa ela procede a construção de identidade, conforme explicou o historiador francês Philippe Artières, ao afirmar que “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. (ARTIÈRES, 1997. p. 03)

É importante perceber que metade da narrativa, sete das 14 páginas, é dedicada à fuga de Úrsula e sua família, enquanto seu esposo estava na guerra. Um dos objetivos desta análise foi tentar compreender porque haveria tamanho interesse em

relatar principalmente estes momentos. Sabendo que os tempos de guerra foram o momento em que ela passou por suas maiores dificuldades, quais teriam sido as razões que a levaram a deixar tais dificuldades como sua principal lembrança?

Levando em consideração o fato de ela ter escrito esta autobiografia para a sua família, é possível afirmar que a resposta para esta pergunta esteja na página nove do relato, na qual a escrevente fala sobre a viagem num dos trens de fuga: “Não se imagina o que uma pessoa pode suportar. Entre as enfermeiras no vagão estavam ainda dois oficiais que acompanharam o transporte. Eles fumaram a noite inteira e fumaram, havia tudo menos ar saudável lá dentro” (Memórias de Úrsula, p.09).

A exclamação “Não se imagina o que uma pessoa pode suportar” indica um objetivo da autora em deixar uma mensagem de superação a seus familiares. É importante lembrar sua posição como matriarca de toda uma família que se constituiu na diáspora, numa colônia na qual há um discurso de superação em relação ao passado da guerra e da instalação no Brasil. Suas experiências justificariam a escrita de uma autobiografia, necessária para transmitir o ensinamento, principalmente a seus netos, a quem o documento foi entregue.

Em vários momentos, nota-se um acentuado sentimento de ter sido rejeitada por outras pessoas. Aparentemente, Úrsula buscava narrar parte de seus momentos de maneira a mostrar que a sua situação era quase sempre mais difícil que a das pessoas ao seu redor. Em diversos fragmentos ela destaca as dificuldades enfrentadas apenas por ela e não por outras pessoas, como nos trechos “Como sempre, havia três, quatro alarmes anti-aéreos por dia e então o trem sempre ficava parado e todos deveriam desembarcar e correr para a floresta. Só eu não, para onde eu iria, também, com minhas crianças e com a velha avó?” (Memórias de Úrsula, p. 09). E também: “Nós fomos levados a uma hospedaria, ali as pessoas já nos esperavam. Cada um abrigava pessoas em sua casa. Um casal que morava sozinho abrigou a avó. Eu fui a última, ninguém me queria” (Memórias de Úrsula, p. 09).

Além disso, é possível perceber que a autora extrai o “elemento trágico” mesmo de momentos felizes, por exemplo, ao narrar um acontecimento bom, que imediatamente é substituído por um triste, como no trecho em que ela narra a cena em que dá à luz à filha em plena fuga, num vagão de trem bombardeado:

A enfermeira a colocou na mão e quando o trem parou, ela mostrou o bebê ao cobrador. Ele estava bem contente, como se fosse o filho dele. Eu quase congelei de frio, pois eu não tinha nada, só me cobri com o meu sobretudo. Mas eu estava molhada, embaixo por causa do parto e em cima por causa da chuva e da neve. (Memórias de Úrsula, p. 08).

Este “elemento trágico” seria talvez aquele que dá um tom dramático ao texto “Minha trajetória de Vida”. Sobre as histórias de vida, afirma Welzer:

Toda história de vida, conforme a convenção social, tem altos e baixos, algo de terrível e de bonito, não impressiona o fato de que as narrativas se valem de gêneros e de enredos os mais diversos possíveis para construir uma história que se torna a sua própria história. (WELZER, 2002. p. 11)

Em toda a narrativa de Úrsula são mencionados poucos casos de solidariedade, contudo, ela atribui grande importância a alguns desses casos, mesmo que em momentos aparentemente simples, como no trecho a seguir:

Tudo eu fiz sozinha. Só uma vez, quando uma grossa camada de neve estava por sobre o chão, e eu não tinha mais nada de ração para o gado, eu então atrelei os cavalos e abri o portão, quando então o vizinho me viu por sobre o caminho e me perguntou aonde eu iria. Eu disse ale “Vou buscar folhas de milho para as vacas”. Ele disse então “espere, eu só vou buscar o meu rastel e então eu vou contigo”. Foi bom, pois o punhado de folhas estava congelado e isso seria muito pesado para mim sozinha. (Memórias de Úrsula, p. 05)

Também é possível notar uma forte gratidão em relação a algumas pessoas que lhe ajudaram, como quando ela conta que foi abrigada por uma família durante a fuga: “Mas eles ficaram com pena que ninguém nos levou e então eles nos levaram junto. Eram pessoas muito queridas, eu nunca vou esquecer” (Memórias de Úrsula, p. 09).

Na página 11 do texto, a autora afirma que, após um ano sem notícias do marido, a Cruz Vermelha lhe enviou uma carta noticiando que José era prisioneiro de guerra na Iugoslávia. A partir disso, ela passa a descrever alguns dos eventos que se desenvolveram com José no front de batalha, paralelamente a sua fuga.

Nessa parte da autobiografia, Úrsula busca mostrar que José também passou por diversas dificuldades enquanto lutava na guerra, as quais teriam refletido décadas mais tarde em sua vida, como a autora cita ao contar sobre o que um médico teria dito

a José e seus companheiros quando eram prisioneiros, pois além de trabalhar exaustivamente, tinham pouco para comer: “O médico alemão disse naquela vez: ‘Homens, quando vocês tiverem 50, vocês vão sentir o que vocês agora tiveram que fazer’” (Memórias de Úrsula, página 12). Percebe-se nesse trecho que a narradora recria, com total segurança, um diálogo do qual ela própria não presenciou, mas que, faz parte de uma memória, compartilhada por seu esposo, nos remetendo à afirmação de Harald Welzer, de que “importar estórias estranhas para a vida não é um processo unilateral; o processo, em si, é circular ou comunicativo”. (WELZER, 2008. p. 12)

Algumas páginas depois, a autora lembra o aviso do médico, diante da realização do que fora previsto: “Nesse meio tempo meu marido ficou doente, assim como o médico havia previsto quando eram prisioneiros. Ele tinha um abscesso no duodeno, a cada três meses o abscesso arrebentava e ele tinha hemorragia” (Memórias de Úrsula, p. 14).

Úrsula dedica cerca de uma página e meia à trajetória do marido nesse período. Ele teria sido capturado pelo inimigo cerca de 4 vezes e em todas elas conseguiu fugir. Ela parece tentar deixar claro que, mesmo diante de diversas dificuldades, o marido não desistiu e conseguiu superar, com muita coragem e astúcia, o que pode ser observado no relato da fuga de José, após ser capturado pela segunda vez:

Ele teve que marchar com mais 1000 homens, era noite quando eles marcharam por uma vila, então perguntou uma mulher “para onde vocês vão conduzir essas pessoas”... um partisan respondeu: “eles vão ser fuzilados!” Como José entendeu, ele cuidou para que ficasse entre os últimos. Bem no fim da coluna andavam transportes dos partisans e então ele os perguntou se ele deveria se sentar em cima do carro, pois já estava escuro e como José sabia croata, eles disseram que ele era um deles. Assim ele se sentou atrás no carro e na primeira oportunidade ele pulou e se mandou. (Memórias de Úrsula, p. 11)

A autora relata a trajetória de José na guerra, dando ênfase aos momentos de maior dificuldade, como se apropriasse dos traumas vividos por José, como quando fala do período em que ele era prisioneiro de guerra:

Eles tinham que trabalhar na construção de uma ponte e como era muito frio e chovia, eles amarraram em si sacos de cimento com arame. Mas o



papel, com a chuva, se desfazia e caía, assim que só o arame ficava no corpo. Não conseguiam mais permanecer de pé, e como estavam congelados e porque eles estavam descalços tinham sempre que dançar. Eles dormiam em vagões de gado. (Memórias de Úrsula, p. 11)

Mesmo narrando uma sequência de acontecimentos não vivida por ela, a autora continua descrevendo os momentos como as cenas de um filme, como se nota no seguinte trecho:

Um dia eles perceberam que eles ficaram cegos, assim que o sol estava abaixo eles não viam mais nada, estavam cegos. Com ele estava um médico alemão, ele disse que isso aconteceu pois eles estavam desnutridos. Eles deveriam comer muito verde, mesmo que fosse capim. Assim eles procuraram debaixo da neve capim e desenterraram raízes e comeram. Na primavera a situação era melhor. José recebeu pacotes com roupas do seu tio da América [do Norte] e como o tio era um homem pequeno, José trocava o que não lhe cabia por alimentos. Assim ele logo pôde ver normalmente. (Memórias de Úrsula, p. 12)

Considerando que Úrsula tenha ouvido tais histórias em conversas com o marido, no ambiente familiar, essa forma de narrar a história de José pode ser associada a histórias que Úrsula viu ou ouviu em outras ocasiões, como em filmes ou livros. Welzer afirma que devido a imensa quantidade de produções cinematográficas sobre a guerra, muitas vezes os relatos de outras pessoas, acabam sendo compreendidos pelo ouvinte associando-se às imagens vistas na mídia. Ele afirma que:

Pelo fato de imagens do nacional-socialismo e do holocausto estarem cada vez mais presentes na televisão alemã nas últimas duas décadas e de que o cinema, desde o seu início, cultiva o gênero filme de guerra, um enorme inventário de material imagético se sobrepõe à interpretação das histórias que filhos e netos escutaram de seus pais ou avós. (WELZER, 2008. p. 04)

Ao narrar o reencontro com seu esposo, após 4 anos separados em decorrência da guerra, nota-se que a autora demonstra a felicidade ao descrever o reencontro: “Uma filha de nossa vizinha na antiga pátria trouxe ele até nós. Foi uma alegria, finalmente ele estava em casa. Desde outubro de 1944 nós não tínhamos nos visto e tudo foi aquele dia, 21 de janeiro de 1949” (Memórias de Úrsula, p. 12). É importante observar também que o uso da expressão “finalmente”, no contexto, parece expressar o

fechamento de um ciclo ou o fim da fase mais difícil de sua vida.

No momento seguinte, Úrsula conta então sobre quando decidiram emigrar para o Brasil, numa forma a reafirmar a identidade do esposo como agricultor:

Então ficamos sabendo por intermédio da Ajuda Suíça à Europa que se podia emigrar para o Brasil, que eles ofereceram terras. Então José logo se registrou, pois ele era agricultor de corpo e alma. Como nós dissemos que tínhamos de desbravar o mato até que tivéssemos terra para plantar, José disse se nós não poderíamos levar seus pais junto, pois eles poderiam cuidar das crianças enquanto nós trabalhássemos. Assim levamos os pais junto. Eles nos ajudaram muito. Nós emigramos para o desconhecido. (Memórias de Úrsula, p. 13)

Entretanto, mesmo após se referir à fundação da colônia, o texto a seguir continua dando ênfase a momentos trágicos, como no trecho a seguir, quando descreve um acidente:

Depois, quando se pôde com muito esforço comprar um trator, plantamos então trigo e aveia, então soja e milho. O primeiro trator tombou, de modo que não prestava mais para nada. Nós só podíamos ainda suas peças para reposição. Depois compramos um segundo. (Memórias de Úrsula, p. 14)

Esse gênero dramático, adotado por Úrsula, que permeia a maior parte de sua autobiografia nos remete aos modelos de narrativa histórica, analisados por Hayden White, no livro “Meta-história: A Imaginação Histórica do Século XIX”. Na obra em questão, o autor problematiza a prática literária e o modo de se escrever a história. Em sua análise, White sugere cinco modelos de conceitualização na obra histórica. Seriam eles a Crônica; Estória; Modo de elaboração de enredo; Modo de argumentação; Modo de implicação ideológica. Nas definições do terceiro modelo, o modo de elaboração de enredo, o historiador define quatro sub-níveis, classificando quatro gêneros possíveis: Estória Romanesca; Comédia; Tragédia; Sátira. Talvez, o modelo narrativo de Úrsula seja equivalente à Tragédia, na qual White conceitua, por meio da escrita histórica do historiador e escritor Alexis de Tocqueville. Na tentativa de explicar a concepção de White sobre o enredo trágico de Tocqueville, os historiadores Marcus Silva da Cruz e Gabriella Lima de Assis afirmam que:

Tocqueville concebeu-a (a história) como um intercâmbio entre elementos irreconciliáveis da natureza humana e da sociedade, para este a história avançava para a colisão de grandes forças no presente ou no futuro próximo, e para Buckhard, que não via nada em desenvolvimento, as coisas coalesciam de modo a formar um tecido de maior ou menos brilho e intensidade, maior ou menos liberdade ou opressão, maior ou menor movimento. (WHITE Apud ASSIS; CRUZ, 2013, p. 79)

Em suma, White define o modelo trágico como aquele que conta a história de dramas não superados e vitórias não alcançadas ou mesmo de dramas que, após superados, resultaram em uma situação ainda pior que a anterior.

Esse caráter trágico da autobiografia permanece até o momento em que ela fala sobre a morte de José, em 1974, em decorrência de uma doença resultante dos serviços prestados forçadamente quando era prisioneiro no front (vide página 24). Com a frase “Nesse meio tempo meu marido ficou doente, assim como o médico havia previsto quando eram prisioneiros” (Memórias de Úrsula, p. 14), Úrsula parece tentar demonstrar como a guerra continuou trazendo conseqüências em suas vidas, mesmo após tanto tempo.

No parágrafo seguinte, após narrar a morte do esposo, Úrsula conclui a autobiografia:

Assim eu fiquei sozinha. Meus sogros já haviam falecido, os filhos estavam todos casados. Meu marido, dois anos antes de sua morte, ainda tinha construído uma casa nova. Ali eu hoje ainda moro. Nossa fortuna foi gasta com a doença de José. Depois de minha morte a casa pertencerá a José, o filho mais novo. Agora estou velha e, com a ajuda de Deus, mantive tudo na melhor saúde. Hoje já estou com 76 anos e tenho 17 netos e 22 bisnetos. E todos estão na colônia de Entre Rios. Assim, eu agradeço a Deus por tudo. (Memórias de Úrsula, p. 14)

É importante lembrar que a autobiografia foi escrita em 1996, e sua narrativa foi encerrada sem detalhar os acontecimentos posteriores à morte de José, em 1974. A narradora praticamente deixa de lado os últimos 20 anos de sua vida, talvez por acreditar que os anos em que viveu sem o esposo sejam irrelevantes ao seu objetivo de contar sua história e da família que constituíram. A escrevente selecionou trechos de sua vida e omitiu outros, dando à narrativa criada um significado. Sobre isso, afirma Verena Alberti no artigo “Literatura e Autobiografia”:

Se alguém se põe a escrever uma autobiografia, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Síntese que envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados. É essa busca também que prevalece na estrutura do texto, os relatos ganhando sentido à medida que vão sendo narrados, acumulando-se uns aos outros, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o autor escreve a autobiografia. (ALBERTI, 1991, p. 12)

Baseado nas considerações de Alberti, percebe-se como Úrsula destinou a maior parte de seu texto aos acontecimentos vividos em sua fuga durante a guerra, por meio de uma trajetória que permanece dramática. O conforto só é encontrado no momento da narrativa em que conta a volta do marido para casa. A exclusão dos anos que sucederam a morte de José, na narrativa, deixa claro o objetivo da autora em contar não apenas a sua história, mas a história de *Úrsula e José*, como um casal de sobreviventes e patriarcas da família. Nesse sentido, torna-se pertinente lembrar as reflexões da socióloga Myriam Moraes Lins de Barros, no texto “Memória e Família”, no qual ela faz um estudo sobre memória familiar, atribuindo aos avós (nesse caso Úrsula e José) o papel de “mensageiros da memória”, ou narradores da história familiar. Considerando que Úrsula escreveu o relato para sua família, a autobiografia pode significar uma busca pela identidade familiar, como afirmou Barros:

Esses avós, ao reconstruírem suas histórias de vida, reconstróem também a história do modelo familiar, através de caminhos já marcados por lembranças suas e de seu grupo familiar. A espontaneidade com que se desenvolvem nas entrevistas suas histórias de vida está ligada, sem dúvida, a uma busca na infância de um modelo de avós. A reconstrução desse caminho é necessária para estabelecer a identidade atual na família. (BARROS, 1989. P. 34)

Esta possibilidade é reforçada ao perceber que há certa diferença na forma como a autora narra os momentos antes e depois do retorno de José da guerra. A narrativa que até então mostrava Úrsula como uma mulher que, mesmo em companhia dos filhos e dos sogros, tinha que liderar e se sacrificar sozinha nos momentos de dificuldade,

após o reencontro, passa a dar destaque ao casal, mostrando que a autora não está mais sozinha. A partir desse marco, na maioria das frases o “eu” é substituído por “nós”, como no trecho “Como **nós** dissemos que **tínhamos** de desbravar o mato até que **tivéssemos** terra para plantar” (Memórias de Úrsula, p. 13) – grifo meu.

No texto “No front dos sexos: um combate duvidoso”, a historiadora Michelle Perrot estuda as mudanças que ocorreram entre as relações de gênero após a Segunda Guerra Mundial. Ela nota que, apesar das mulheres freqüentarem mais espaços e gozarem de um pouco mais de liberdade, tais mudanças “não alteram verdadeiramente os papéis tradicionais dos sexos” (PERROT, 2005, p. 437). Segundo ela, “se a mulher trabalha, ela o faz como mãe ou como esposa que substitui o soldado; humilde dublê, ela não trabalha para si mesma” (PERROT, 2005, p. 437). Porém, percebe-se que Úrsula tem uma percepção contrária, principalmente no que diz respeito ao trabalho. Em sua autobiografia, ela menciona que, antes de partirem para o Brasil, José desejava que seus pais também viessem, para ficarem responsáveis pelas crianças, para que assim, Úrsula pudesse ajudá-lo no trabalho:

Como nós dissemos que tínhamos de desbravar o mato até que tivéssemos terra para plantar, José disse se nós não poderíamos levar seus pais junto, pois eles poderiam cuidar das crianças enquanto nós trabalhássemos. Assim levamos os pais junto. Eles nos ajudaram muito. Nós emigramos para o desconhecido. (Memórias de Úrsula, p. 13)

Percebe-se que ela demonstra no trecho acima que o esposo confiava nela para trabalhar junto dele, no mesmo trabalho, cumprindo um papel que vai além do ser mãe ou esposa.

Após narrar tantas páginas de sofrimento, Úrsula dá à sua história um final feliz, como geralmente se espera em muitos modelos narrativos. Ao escrever sobre o número de seus filhos e descendentes e agradecer a Deus, a escrevente possivelmente indica que, no momento em que escreveu a autobiografia, acreditava que já não havia mais nada a conquistar. A religiosidade expressada na conclusão do texto aponta uma forma de gratidão por toda uma vida que já teria sido vivida, como se naquele momento, ela apenas estivesse esperando pela sua morte. Dessa forma, a autobiografia também seria uma maneira de Úrsula manter-se viva na família.

No entanto, a autobiografia deixada por ela não se trata apenas de uma narrativa

de sua história, mas também de um manual para vida, uma espécie de herança de Úrsula, deixada a seus filhos e netos. No capítulo a seguir, conheceremos os efeitos dessa herança na vida de um de seus netos, Aureliano B.

**“DO PÂNTANO FIZERAM NASCER A FLOR DO ÉDEN”:  
A MEMÓRIA COMUNICATIVA EM NOVAS GERAÇÕES DE SUÁBIOS DO  
DANÚBIO**

Neste capítulo, analisaremos a entrevista de Aureliano B. (36), gerente comercial de uma empresa de implementos rodoviários e neto de Úrsula. Aureliano cresceu em Entre Rios e, segundo ele mesmo, tinha uma relação quase maternal com sua avó. O primeiro contato com ele, por parte dos agentes envolvidos no projeto “Deslocamentos e (Des)encontros” foi realizado por meio de telefone, cujo número foi obtido junto a sua irmã. A entrevista foi produzida no Laboratório de Etnias e Identificações da Unicentro, no dia 13 de maio de 2013, pelo entrevistador Dr. Marcos Stein, auxiliado pelo discente da Unicentro, integrante do projeto, Renilson Beraldo. A entrevista foi gravada em audiovisual e disponibilizada em suporte digital. No entanto, faz-se necessário ressaltar que a presente análise foi realizada a partir da transcrição da entrevista, realizada por Renilson Beraldo. Desse modo, é importante atentar para as considerações de Alessandro Portelli, que alerta para algumas questões importantes ao se analisar uma transcrição, já que esta, já não reproduz com exatidão a mesma essência do que foi dito no momento direto da entrevista falada. Assim escreve Portelli, acerca da transcrição:

A transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças de interpretação. A eficácia diferente de gravações, quando comparadas a transcrições – para uso em sala de aula, por exemplo – pode somente ser apreciada por experiência direta. (PORTELLI, 1997. p.27.)

É importante mencionar que, com base nos métodos de Von Plato, citados anteriormente, o entrevistador fez poucas intervenções enquanto o entrevistado narrava a sua vida. Além disso, antes de iniciar, Aureliano foi informado sobre os objetivos da pesquisa e sobre o fato de o entrevistador ter acesso a publicação de uma entrevista que sua avó concedera ao Jornal de Entre Rios décadas antes.

Tal entrevista fez parte da série “Um povo luta pelo seu futuro” (Ein Volk kampf Um Seine Zukunft) publicada no jornal de Entre Rios em 1994, constituída por entrevistas de refugiados suábios, produzidas nas décadas de 1980 e 1990 por José

Lichtenberger e posteriormente pelo geógrafo Josef Gappamier e por funcionárias do museu da colônia (STEIN, 2008, p. 49). A série foi analisada por Marcos Stein no artigo “Memórias de uma diáspora: relatos de refugiados da Segunda Guerra Mundial” (STEIN, 2008, p. 49-57). Ao observar a maneira como os relatos foram publicados, com trechos selecionados e com uma breve lição que o leitor deve extrair deles, Stein conclui que a seleção dos artigos “trata-se de uma luta em prol do futuro da identidade suábica”, ao considerar que:

A publicação sinaliza também as perspectivas de futuro de integrantes do grupo, especialmente dos editores do periódico. As entrevistas não foram publicadas somente em função do passado, mas sim, adaptadas as necessidades do presente (1994) e as projeções de futuro, ou para tomarmos emprestadas as palavras do historiador alemão Reinhart Koselleck, é a tentativa, a partir do presente, de apreender o passado-experiência e o futuro-expectativa como algo dotado de um sentido. (STEIN, 2008. p. 57)

O historiador identifica os jovens como o público alvo da iniciativa, devido a constante preocupação com a preservação dessa identidade na colônia. Segundo ele, “Para o editor há a percepção de que tal geração demonstrava certo desinteresse pelo passado e pela manutenção de aspectos culturais dos imigrantes” (STEIN, 2008. p. 53).

Quase 20 anos depois, Aureliano reflete o alcance desses objetivos em sua entrevista sobre a história de sua vida. Ao falar sobre os fundadores e os moradores da colônia onde cresceu, ele reproduz esse discurso de identidade étnica veiculado publicamente em Entre Rios, presente em iniciativas em prol da “preservação da memória suábica”, tal como a série analisada por Stein.

Em diversos momentos da entrevista, percebe-se como ele constrói a trajetória de sua vida a partir de uma “memória comunicativa”, apropriando-se da história de vida da avó e de seus conterrâneos, como se percebe no fragmento abaixo:

(...) É um povo que a gente sabe, pelo tanto que eu sei da história, um povo que sempre foi muito trabalhador, aonde eles migraram fizeram, digamos, a diferença, então aqui no Brasil não foi diferente, então pra quem conhece Entre Rios hoje e vê a questão de tanto culturalmente quanto financeiramente é um povo que trabalhou bastante pra ter o que tem, dia e noite, e a questão de culturalmente isso aí passa de geração em geração, porque num dos escritos, tem que do pântano fizeram nascer a flor do Éden, então, do banhado.... Então, eu me orgulho de ser



descendente... (Aureliano B., 2013. Transcrição, p. 3).

É importante atentar-se para as diversas vezes em que o entrevistado repete a palavra “povo” neste trecho – três vezes -, o que nos leva a associar ao fenômeno já citado por Stein, que com base nas formulações de Alessandro Portelli sobre a sobreposição de uma memória coletiva sobre a individual, assim formula: “De acordo com Portelli, a memória individual, materializada na fala individual (...) só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual (...)”. (PORTELLI apud STEIN, 2008. p. 56.) A partir desse discurso de memória coletiva, Aureliano tenta traçar uma característica única e contínua entre as gerações de suábios do Danúbio em Entre Rios, aderindo a um discurso público que caracteriza o grupo como um povo que se une pelo trabalho e pela superação.

No entanto, é importante salientar, no que diz respeito à memória comunicativa, que se nota também a presença de certos aspectos negativos em relação aos “suábios do Danúbio” na entrevista de Aureliano. Em certo momento ele faz alusão a um livro sobre as colônias de suábios do Danúbio pelo mundo, reproduzindo um discurso presente nele. Segundo ele, a ganância acabava por causar o rompimento da união nas comunidades, após um certo período de vivência na colônia:

(...) Daí eu vejo na minha infância uma união maior entre as pessoas e já na minha adolescência já percebe que já tem um pouquinho de segregamento disso aí. No caso, tem a questão de panelinha e uma questão de dinheiro, então. Até um conhecido nosso comentou que tem um livro que fala sobre os suábios, que as colônias suábias, no mundo inteiro, elas duram cinquenta anos. A partir dos cinquenta anos o dinheiro sobe à cabeça e acaba que, digamos, rompendo a união na comunidade. Parece-me que tem alguém aqui de Guarapuava que está escrevendo um livro sobre isso aí (...). (Aureliano B., 2013. Transcrição, p. 07).

Na análise da entrevista, percebe-se que Aureliano possui certo ressentimento em relação à Cooperativa Agrária da colônia de Entre Rios. Esse ressentimento pode ser identificado em alguns trechos como:

Na questão ali da colônia, hoje eu me vejo de certa forma excluído, sem poder participar muito de atividades lá, por meu pai ter um processo contra a Cooperativa Agrária. Ele foi expulso e a partir desse momento você é uma pessoa não quista. Então, a ganância entre

esses abonados é uma coisa impressionante. (Aureliano B., 2013. Transcrição, p. 04).

É importante observar que, ao tentar explicar, de forma breve, as razões de sua mágoa com a cooperativa, Aureliano demonstra que esse ressentimento se deve a uma injustiça realizada contra seu pai. Essa constatação torna-se mais clara no trecho em que ele diz:

Quando essa diretoria que está hoje assumiu a Agrária, então eles brigaram contra, digamos, brigaram contra o maior bem deles que eram os próprios associados e escolhidos a dedo: “você eu não quero mais. Você eu não quero mais. Vamos acabar”. E é o que está acontecendo hoje. Ainda os pequeninos, pouco a pouco, estão sendo excluídos do quadro, segundo eles por causa de dívidas. Só que eu acho que se for uma cooperativa, tem mais que ajudar e não exterminar. (Aureliano B., 2013. Transcrição, p. 07)

É possível que Aureliano compartilhe dessas mágoas por conta de sua forte ligação com sua família. Em um trecho da entrevista, ele afirma que “A questão da família é uma questão muito forte. Então, tanto com os meus pais, a gente aprende desde pequeno a sempre estar junto das atividades” (Aureliano B., 2013. Transcrição, p. 04).

Esta forte ligação com a família também dá ao entrevistado certa noção de compromisso com ela, até mesmo com as gerações vindouras. Em um dos trechos, ao enaltecer seu orgulho de ser descendente de um povo tão trabalhador, Aureliano lamenta que seus filhos tenham dificuldade em entender a língua alemã, pelo fato de terem nascido e vivido no Brasil. Nesse momento, ele ressalta que de qualquer forma, os filhos ouvirão a história dos avós: “(...)pena que hoje, os meus filhos... Eles vão escutar a história! Claro que eles vão conhecer a história dos bisavós deles, só que hoje a dificuldade de você falar alemão, de você fazer o teu filho entender alemão, isso é, só é praticamente impossível” (Aureliano B., 2013. Transcrição, p. 04).

Nota-se que ao utilizar a expressão “é claro”, ele indica que transmitir essa história para as próximas gerações é algo muito necessário, independente das dificuldades. Aureliano acredita que esta seja uma forma de preservar o passado e, assim, a identidade da família. Esta proximidade, principalmente com a história de sua avó e de sua família, pode ser relacionada às considerações presentes no texto

“Memória e Família”, no qual a socióloga Myriam M. Lins de Barros afirma:

A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto de recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas. (BARROS, 1989. p. 33.)

Assim como percebemos em Aureliano, Barros já havia afirmado, em seu texto, o fato de ter percebido nos entrevistados a necessidade de colocar o avô ou avó como fonte de transmissão de bens simbólicos, como se fossem modelos do que transferirem para as próximas gerações. (BARROS, 1989. p. 35-36)

O compromisso expressado por Aureliano em passar a história adiante mostra como o entrevistado coloca-se como guardião daquela memória familiar, visto que ele percebe ter autoridade para narrar os fatos vividos pelos avós.

Ao caracterizar os avós como portadores dos álbuns de fotografia, a antropóloga Myriam Barros afirma: “Aqui o narrador da memória familiar, seu guardião, é a figura fundamental para se compreender o que Halbwachs chamou de marcas visíveis ou “museus de família” (HALBWACHS apud BARROS, p. 34). Para a autora, o guardião da memória familiar geralmente são os avós. No nosso caso, é o neto que se coloca como um guardião, o “museu de família”. No lugar de um álbum de fotografias, ele guarda o manuscrito autobiográfico da matriarca que recebeu diretamente dela. Na entrevista, Aureliano tenta se identificar como o atual guardião dessa memória, ao afirmar que recebeu o documento da própria avó:

Essa questão, dessa biografia da minha avó é... Eu peguei pra mim. Os tios já quiseram ela, eu falei “não”. Eu fiz cópia e dei pra eles. A original está comigo, porque que nem eu falei, eu comentei que a minha ligação com a minha avó era coisa de outro mundo e, inclusive, antes de ela... Antes de ela falecer, ela pegou e pôs num pacote e falou: “Ó, está aqui. Pra você”. (Aureliano B. 2013. Transcrição, p. 10)

Como Myriam Barros afirma, baseada em Maurice Halbwachs, “transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem” (BARROS, 1989. p. 33). Ao analisar não apenas a obra deixada por Úrsula, mas a narrativa oral de Aureliano sobre os diálogos com a avó, percebemos que a mensagem em questão seria uma lição de superação, mostrando que é possível ultrapassar qualquer

dificuldade. Isso fica evidente no momento em que ele diz:

A minha avó sempre falava que, muitas vezes a gente reclamava: “ah porque está doendo aqui”, “tô com dor de cabeça”, “porque eu cortei o dedo, porque” e ela sempre falava: “vocês não tem ideia do que é uma pessoa, que um ser humano é capaz de agüentar!”. Porque ela ficou, se eu não me engano, eu posso até estar falando alguma coisa que não esteja bem certinho em relação a números, mas se eu não me engano, ela ficou dez dias sem poder lavar a minha tia e ela se lavar. Então, você imagina o parto, sangue, ela falou que é uma questão que só numa necessidade dessa você consegue perceber o que o ser humano é capaz de agüentar. (Aureliano B. 2013. Transcrição, p. 02-03)

Em sua fala, Aureliano reproduz um dos momentos de dificuldade enfrentados pela avó durante a fuga, tirando dessa estória uma lição de superação, uma motivação para a sua vida. Ele procura mostrar que a história de vida de Úrsula realmente fizera diferença em sua vida.

É importante mencionar que, ao fim da entrevista, quando os entrevistadores pedem para que Aureliano faça um balanço de sua vida, ele retoma novamente a questão do ressentimento em relação à cooperativa, o que nos leva a compreender o quanto essa situação significa para o entrevistado:

Eu vejo assim, que nem hoje, essa questão de – usar a palavra certa, né - essa questão de ter essa, digamos, diferença entre pessoas quistas e não quistas na colônia, é uma questão que, hoje eu sinto muito. Os meus filhos podiam estudar, de repente, no colégio lá em Entre Rios, por outro lado pra quem não é cooperado, a mensalidade é muito cara. Então você não tem, como hoje, digamos pelo [convênio], não tenho como colocar duas crianças lá pra estudar. E o que me dói, assim, é que eu comecei a vida, digamos assim, a minha vida, na colônia. (Aureliano B. 2013. Transcrição, p. 11)

É importante mencionar que hoje Aureliano mora e trabalha em Guarapuava e, segundo ele mesmo afirmou, mantêm-se distante da colônia em razão da falta de tempo (Aureliano B. 2013. Transcrição, p.01). No trecho acima, é possível observar que, grande parte dessa mágoa deve-se também, à sua preocupação com as gerações posteriores, como seus filhos, que não poderão receber a mesma educação que ele recebeu na escola da colônia, o Colégio Imperatriz Dona Leopoldina, que é considerado

uma referência em Guarapuava<sup>6</sup>. Além disso, Aureliano parte de seus ressentimentos na construção de uma comparação do hoje em relação ao ontem, criando um passado positivado, no qual há uma “visão para cultura”. Isto é possível perceber quando Aureliano desabafa sobre a “falta de união da colônia”, logo após lembrar um momento em que a Cooperativa Agrária não permitiu que ele assumisse a coordenação do grupo de danças da colônia:

Eu acho que é uma pena que acabou aquela amizade que tinha entre a comunidade, assim aquela questão da união, aquela questão de “vamos se ajudar”, isso não existe mais. Então, na minha infância tinha isso aí, e a gente cresceu dessa forma e, claro que essa geração que está lá hoje é diferente daquela que saiu, que tinha essa visão pra cultura, que tinha essa visão que, enquanto a gente for unido, a gente é forte. A partir do momento que a gente se dispersar, a gente perde força. (Aureliano B. 2013. Transcrição, p. 12)

No trecho acima, nota-se que, a partir de um passado idealizado, Aureliano demonstra acreditar que os suábios são fortes apenas enquanto um grupo unido. Além disso, diversas vezes na entrevista ele fala sobre essa falta de união que distingue as gerações atuais das anteriores. Em certo momento, ele cita até as mudanças de valores sofridos pelas gerações atuais, como quando faz a seguinte afirmação:

É uma questão assim que mudou bastante em relação à colônia. Então, hoje eu vejo gerações posteriores à minha que o que interessa pra eles é o carro que você anda, a roupa que você veste e a questão, assim, de amizade e companheirismo não é assim mais tão forte que nem era na minha época. (Aureliano B. 2013. Transcrição, p. 04)

Deve-se levar em consideração que Aureliano nasceu e cresceu na colônia, mas acabou sua família acabou sendo desligada da cooperativa em razão de conflitos. Sua fala é carregada pelo ressentimento. No trecho acima, podemos perceber como a narrativa de Aureliano se aproxima da narrativa da avó, já que ele busca mostrar que foi uma vítima da ganância que teria tomado conta do lugar.

No caso analisado, percebemos que Aureliano já não carrega mais os mesmos ressentimentos que a avó, no entanto, leva a história de vida da mesma como uma

---

<sup>6</sup> Sobre a escola, ver o site oficial disponível em <http://www.colegioimperatriz.net.br/historico.asp> acessado em 02/10/2014.

forma de referência e manual para sua vida, o que se pode notar a partir da frase: “(...) História desse tipo que a avó contava e que eu me orgulho, porque eu me ponho numa posição dela... deles, hoje. Não só dela, mas deles” (Aureliano B. 2013. Transcrição, p. 03).

Talvez por saber das motivações da pesquisa, Aureliano dedica grande parte da entrevista a falar sobre sua avó, com quem afirma ter tido uma relação praticamente materna de “amor incondicional”. Deve-se levar em conta que na entrevista, cerca de 8 das 13 páginas transcritas falam sobre a história de Úrsula. Tal admiração e intimidade também servem como uma espécie de inspiração e exemplo de vida. Algo que pode ser notado no seguinte trecho: “a questão de ter conhecido a minha avó de ter conhecido as histórias dela me fez uma pessoa que digamos assim dá valor à cultura e aos antepassados pelo que eles passaram pelo que eles contaram pra gente que passaram” (Aureliano B. 2013. Transcrição, p. 01).

Possivelmente, o que Úrsula tentou fazer por meio da autobiografia foi o que Myriam de Barros chamou de “transmissão de bens simbólicos”, que visa abrir espaço para que “um pouco de si próprio sobreviva em seus netos, assim como eles carregam as marcas de seus avós”, além de garantir certa preservação da identidade familiar a partir desses netos (BARROS, 1989. p. 36).

A partir de uma leitura mais minuciosa, pode-se notar uma grande influência da avó na vida de Aureliano. Esta influência está presente até mesmo quando ele conta que, com muita persistência nos estudos e mesmo com dificuldades, conseguiu passar no vestibular. A construção da frase “Passei em quarto lugar. Nem eu achei que fosse dar tudo isso!” expressa uma grande satisfação e o sentimento de superação. Assim como na narrativa da avó, em determinados momentos, o entrevistado logo substitui a referência a alguns momentos de alegria pela de algum momento de dificuldades. Logo após mencionar o bom desempenho no vestibular e a entrada na faculdade, ele menciona que teve de deixar os estudos em virtude de problemas familiares na colônia.

O meu objetivo lá também era estudar, então no início da faculdade era período vespertino, de tarde, daí eu só estudava não trabalhava e do sexto semestre em diante, dos dez semestres... Do sétimo semestre em diante eu fui obrigado a achar um emprego porque a coisa não estava fácil aqui. Daí eu trabalhava meio período e estudava até que chegou o ponto de quando aconteceu de meu pai ser expulso da Cooperativa, que

muita gente está com o nome [sujo] até hoje e não entende porque. Eles colocaram o meu pai como ladrão, mas a coisa não é assim. Não vem ao caso, mas eu tive que trancar a faculdade. Tranquei um ano e vim embora pra casa até a gente poder se ajeitar na questão de se organizar de novo. Meu pai foi expulso e não tinha dinheiro. Foram vendidos bens pra banco e eu vim trabalhar com meu pai. Trabalhei durante um ano com meu pai aqui. (Aureliano B, 2013. Transcrição, p. 08).

É possível perceber também, semelhante ao caso de Úrsula, que a narrativa de tais dificuldades são carregadas de ressentimento, na qual ele também atribui a um outro a responsabilidade por suas dificuldades. Novamente citando Maria Rita Kehl, “Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar” (KEHL, 2004. p. 11). Tendo em vista que, gerações antes, para Úrsula, este “Outro” teria sido personificado na figura do cunhado, sua chefe e dos Partisans, desta vez, na Colônia de Entre Rios, para Aureliano, este “Outro”, causador de sofrimento, é percebido na Cooperativa Agrária, principalmente devido a sua forte influência na colônia.

Próximo ao fim da entrevista, ele comenta sobre as conversas com a avó, principalmente em histórias sobre os anos de guerra que, segundo ele, era um dos assuntos mais lembrados por Úrsula:

Então às vezes você via alguma coisa lá na aula, você tinha pra quem perguntar: “como é que foi, como é que não foi”. E daí, ia perguntar pra ela, e daí começava a história. E essa história poderia se estender por um mês e não chegava em um fim, porque eu sempre queria saber mais e da forma que ela contava pra gente! (Aureliano B. Transcrição, páginas 13-14)

Na entrevista, ao falar sobre o avô e as razões de sua morte, Aureliano cita novamente a autobiografia de Úrsula, reafirmando aquilo que a avó já havia dito sobre um médico ter previsto a morte do avô anos antes:

Minha avó conta que as histórias que o meu avô contava da guerra, que no caso no campo de concentração que eles estavam presos tinha um médico preso junto com eles. E daí, esse médico falava: “olha vocês hoje são piás! Vocês não está dando muito valor ao que vocês estão passando aqui dentro. Só que a partir dos quarenta, quarenta e cinco anos, vocês vão começar a sentir”. O meu avô faleceu com cinquenta e nove. Cinquenta e nove anos de idade, só que por causa de uma erro

médico. Só que a complicação, no caso do intestino, já vem da época da guerra. Questão de ele ter se fingido de morto. Então, a história da biografia da minha avó eu empresto pra ler. (Aureliano B, 2013. Transcrição, página 11)

Pode-se notar também que, ao fim do trecho acima, ao dizer que empresta a autobiografia, Aureliano faz uma indicação da leitura do texto. Tal indicação mostra também que o entrevistado acredita que outras pessoas também devem ler sobre a história de sua avó. Assim como a Úrsula, na entrevista Aureliano também conta histórias da guerra, mostrando como seu avô José não desistiu diante das dificuldades e agiu de maneira astuta e corajosa para poder sobreviver:

Então teve uma passagem que eles estavam num acampamento à noite e foram surpreendidos pelo exército. Se eu não me engano, o exército russo. E diz que tiro pra tudo quanto é lado - e eles estavam como - Eles estavam perto de uma mata e quem pôde levantou e foi se esconder no mato. E meu avô também, diz que começou a atirar ele levantou e saiu correndo. E nisso soldados que estavam correndo, companheiros dele que estavam correndo do lado dele foram abatidos e quando um caiu, caiu um, caiu outro, ele caiu junto. Daí, ele se fingiu de morto e como estava amanhecendo o dia os soldados estavam indo ver se tinha alguém vivo ainda ou não, né, Os soldados russos. E se eles tivessem alguma dúvida de eles estar vivo ou não, eles enfiavam a baioneta no... De preferência no nervo da perna, se desse algum espasmo alguma coisa eles davam um tiro na cabeça e pronto. E ele conta que soldado veio pro lado dele e ele estava lá imóvel. Diz que olhou pra ele e foi embora não chegou a cutucar ele com a baioneta. (Aureliano B, 2013. Transcrição, página 11)

Em vários momentos da entrevista, ele menciona a autobiografia e as dificuldades narradas por Úrsula, como no trecho em que ele narra:

Ela conta que, até nessa biografia, que está comigo, ela conta que a... Quando começou lá a questão da Segunda Guerra Mundial, meu avô era novo. Ele foi obrigado a servir no exército alemão e ela ficou sozinha com, então, com o filho.” (Aureliano B., 2013. Transcrição, página 02)

Pode-se perceber o quanto ele gostava de ouvir as histórias da avó e como costumava relacionar as histórias ouvidas em casa com o discurso público sobre os suábios, discurso esse que era discutido, como mencionado por Aureliano (p. 12), na disciplina de “Alemão Cultural” presente na grade curricular dos colégios em Entre Rios, numa forma de dar sentido a um passado coletivo a história dos suábios, conforme



Albert Elfes já havia citado (ELFES apud FROTSCHER et all., 2014 inédito).

É possível perceber que a identidade pessoal construída por Úrsula em sua autobiografia, como uma pessoa perseverante e que pode superar quaisquer problemas é reproduzida por Aureliano. E essa característica teria estado presente durante toda a vida de Úrsula, segundo ele. Atentemos para o trecho abaixo:

Quando ela teve dificuldade de se manter, de fazer as coisas que ela queria e do jeito que ela queria, ela entrou em depressão e ninguém percebeu isso. Quando foi percebido já era tarde, sabe? Então ela entrou em uma tristeza que, digamos, eu vejo assim, que ela entrou em uma tristeza porque ela não queria aceitar que ela precisasse de alguém. Que ela, um dia ela falou pra mim: “como é que eu vou viver precisando de alguém pra me limpar? Eu não posso me limpar”. (Aureliano B, 2013. Transcrição, p. 01).

Aureliano acredita que sua avó perdera a vontade de viver no momento em que passou a depender de outras pessoas. A mesma Úrsula que havia demonstrado a capacidade para superar a todas as dificuldades, sozinha, enquanto o marido lutava no front décadas atrás, agora já não mais podia se virar sozinha. O entrevistado deixa sua constatação clara, na seguinte afirmação:

Eu acredito que a morte da minha avó foi porque ela teve desgaste no joelho e ela - não podia - tinha bastante dificuldade de caminhar. E, “a partir do momento em que ela começou a ter dificuldade de caminhar, ela começou a ter dificuldade de se manter”. (Aureliano B., 2013. Transcrição, p. 13).

A influência da avó em sua vida esteve presente durante toda a entrevista, inclusive em sua última menção, na qual ele demonstra como até mesmo sua religiosidade foi uma herança da avó:

(...) Era muito devota de Nossa Senhora e faleceu seis e meia da manhã, era o horário de Nossa Senhora. Coisa que eu aprendi com ela também, então eu sou muito devoto de... Hoje é o dia de Nossa Senhora de Fátima, sete anos de casado hoje”. (Aureliano B., 2013. Transcrição, página 14)

É a identidade fortalecida pela colônia e, no caso de Aureliano pela autobiografia da avó, que o faz sentir tanto orgulho de sua família e dos suábios do Danúbio.

Conforme afirma o historiador alemão Peter Hüttenberger, “As autobiografias querem instruir os leitores e impingir-lhes uma visão especial dos acontecimentos” (HÜTTENBERGER apud ALBERTI, 2005. p. 168). E foi exatamente este o efeito da autobiografia de Úrsula na vida de seu neto que vê nos suábios grandes exemplos a serem seguidos, pessoas perseverantes e trabalhadoras que, como ele mesmo afirma baseado no que leu e ouviu, “do pântano fizeram nascer a flor do Éden”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, por meio da pesquisa realizada, o importante papel da memória comunicativa na construção de uma identidade familiar entre aqueles imigrantes da Colônia Entre Rios e seus descendentes, seja por meio de conversas ou, como no caso analisado, também pela leitura do texto escrito pela avó.

Ao narrar sua vida por escrito, Úrsula não apenas buscou construir uma identidade familiar, mas também deixou a seu neto um tipo de manual para a vida. A escrevente dedica a maior parte de sua narrativa de vida ao período de guerra, se expressando de forma ressentida e com inúmeras dificuldades, no entanto, sempre destaca como suportou e superou tais obstáculos. Ao ler a autobiografia, Aureliano incorpora esta identidade e torna-se o guardião dessa memória familiar. A análise de sua entrevista, nos permitiu observar como ele, nascido em Entre Rios e neto de imigrantes suábios vê seus avós: como parte de um povo inspirador, um povo que, mesmo após tantos traumas e dificuldades, pôde superá-los e construir uma colônia próspera e bem sucedida, por meio do trabalho.

É importante salientar que o objetivo inicial deste trabalho visava uma análise a partir de um universo maior. No entanto, tamanha riqueza das fontes exigiu a dedicação a bastantes leituras de referenciais teóricos. Por esta razão, optei por restringir à pesquisa as fontes vistas no trabalho.

Além disso, é importante mencionar que análise de tais fontes, principalmente o relato autobiográfico, foi um importante exercício na construção de um estilo pessoal para meus futuros trabalhos como historiador. A realização desse trabalho mostrou-se de grande valia, acrescentando muito à minha formação como historiador e, sobretudo, contribuindo para os estudos relacionados a histórias de vida, memória e geração e, conseqüentemente para a Historiografia de modo geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da história.” In: Pinsky, Carla (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998.

ASSIS, Gabriella L; CRUZ, Marcus S. A Teoria da obra história em Hayden White: Entre a História e a Literatura. In: **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, 7,2: 75-89, 2013. Apud: WHITE, Hayden. Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2º Ed. São Paulo: EdUSP, 2008. P 241.

BARROS, M. M. L. de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.

FROTSCHER, M. **Deslocamentos e (des)encontros: refugiados da Segunda Guerra Mundial e “brasileiros” em Guarapuava – PR**. Projeto de pesquisa financiado pelo CNPq. 2012.

FROTSCHER, M. **Memória sobre a Segunda Guerra Mundial na Família: “memória comunicativa” em entrevistas com três gerações em Entre Rios, Guarapuava – PR**. 2013. Projeto de iniciação científica enviado ao Programa de Iniciação Científica da UNIOESTE, o qual foi contemplado com uma bolsa da Fundação Araucária.

FROTSCHER, M; STEIN, M; OLINTO, B. **Memória, trauma e ressentimento em narrativas de sobreviventes da II Guerra Mundial: “suábios do Danúbio” em Entre Rios, PR**. 2014. Inédito.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KOHLHEPP, Gerd. Espaço e Etnia. *Estudos Avançados*. Vol 5, nº 11. São Paulo: USP, janeiro/abril de 1991. PERROT, Michelle. No *front* dos sexos: um combate duvidoso. In: **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral Diferente. In. **Proj. História São Paulo**, (14). São Paulo, fev. 1997.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. In: **História Oral**, v.8, nº 1, p. 29-42, jan-jun. 2005.

STEIN, Marcos N. **O Oitavo Dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios-Pr (segunda metade do século XX) Guarapuava: Editora da UNICENTRO. 2011.

STEIN, Marcos N. Memórias de uma diáspora: Relatos de refugiados da Segunda Guerra Mundial. **Revista Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 02, n. 19, p. 49-57, 2º semestre de 2008.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 205-224, maio/ago. 2010.

WELZER, H. *Das kommunikative Gedächtnis*. Eine Theorie der Erinnerung. 2a. Ed. München: Beck, 2008.

### Fontes

ÚRSULA B (nome fictício). Texto autobiográfico intitulado “**Minha Trajetória de Vida**”. 1996. Tradução para o português: Prof. Dra. Méri Frotscher.

AURELIANO B (nome fictício). Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein para o projeto “**Deslocamentos e (des)encontros**: refugiados da Segunda Guerra Mundial e ‘brasileiros’ em Guarapuava – PR” realizada no Laboratório de Etnias e Identificações da Unicentro em Guarapuava-PR e transcrita por Renilson Beraldo. Marechal Cândido Rondon, 19 mai. 2013.